

Acreditando nos princípios que nortearam os movimentos de reivindicações feministas desde seus primórdios – direito à participação política, à educação, ao trabalho em condições igualitárias, à gerência do próprio corpo e sexualidade, à própria vida pelo combate à violência de gênero –, que se estendem a todos os grupos de pessoas que sofrem discriminações, costumamos abrir os editoriais da *Revista Estudos Feministas* com referências ao que acontece no país em relação às questões feministas e de gênero. Assim, tem sido cada vez mais penosa a escrita desses editoriais.

Nesse número temos, novamente, um obituário de feminista brasileira, a destacada militante dos movimentos de mulheres negras no país, Luiza Bairos, cuja perda nos afeta – a todas/os – e muito nos entristece.

Têm nos preocupado sobremaneira os rumos da política brasileira, com o afastamento da primeira mulher presidenta do Brasil em meio a preocupantes movimentos de retrocesso de conquistas arduamente obtidas pela luta dos movimentos sociais, efetivados na supressão das Secretarias de Políticas para as Mulheres, de Promoção da Igualdade Racial e de Direitos Humanos, com a adesão já agora indisfarçada e entusiasmada à política neoliberal e a conseqüente redução das verbas destinadas aos setores sociais de saúde, educação, cultura.

O primeiro artigo deste último número do volume 25 da *Revista Estudos Feministas*, “Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da *Folha*”, de autoria de Pâmela Stocker e Silvana Copetti Dalmaso, utiliza a Análise do Discurso e os estudos feministas pós-estruturalistas para fazer refletir sobre os comentários ofensivos à presidenta Dilma Rousseff no Facebook de um dos maiores jornais do Brasil, a *Folha de São Paulo*. Utilizando uma metodologia acadêmica, as autoras nos ajudam a compreender o fenômeno da misoginia que foi mobilizada para atacar a presidenta, e como esta misoginia se tornou uma arma poderosa para criar a situação que levou à crise política atual.

Danúbia de Andrade Fernandes busca, no artigo “O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude”, dar visibilidade às análises históricas e filosóficas realizadas por feministas pioneiras no Brasil e nos Estados Unidos, sobre as representações das mulheres negras, no que designa como a dupla alteridade da mulher negra, em posições de

 Esta obra está sob licença *Creative Commons*.

desvantagem também na militância dos movimentos feministas e movimentos negros. Reportando-se às obras de feministas negras norte-americanas como bell hooks, Patrícia Collins, em sua leitura de Alice Walker, Michele Wallace e das feministas negras brasileiras Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, procura trazer a discussão política do movimento feminista negro nas especificidades de cada país, buscando tratar em conjunto as particularidades das questões femininas e raciais.

No artigo “Entre o obsceno e o científico: notas sobre pornografia, sexologia e a materialidade do sexo”, Fabiola Rohden e Larissa Costa Duarte problematizam e comparam os discursos da sexologia e da pornografia, mostrando que esses limites e saberes não são assim tão distantes um do outro. O artigo busca mostrar os roteiros eróticos e as diversas operações de produção de verdade sobre o sexo, nas quais se materializam essas relações e se constroem os saberes sobre o sexo.

Tarcísio Torres Silva, no artigo “A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital”, analisa a utilização da imagem do corpo feminino como tática recorrente em ações ativistas, em diferentes partes do mundo. Traz três casos de performances de artistas mulheres, que toma como exemplos da politização do corpo feminino nas redes digitais de comunicação, ressaltando que a exposição desses corpos se dá em um mundo sob a ordem do capitalismo global, em que a fluidez dos limites dos territórios supera a concepção do Estado-nação, num contínuo jogo entre o local e o global. Considerando que, na arte, elementos estéticos e políticos são retomados em projetos de cultura ativa e participativa dentro das redes de comunicação digital, o autor reflete, também, sobre a forma como o biológico ganha ênfase na política atual. Nas performances analisadas, estético, político e biológico se entrelaçam e confundem nos corpos nus exibidos como provocação às esferas de dominação. Além da reflexão sobre a politização do privado, o artigo problematiza, ainda, a condição biopolítica do indivíduo no mundo contemporâneo e seu autor ressalta que, se pode ser revolucionária essa nova política feita nas redes sociais, ela não deixa de estar centrada em demandas privadas, individualistas.

No artigo seguinte, “Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade”, Deise Azevedo Longaray e Paula Regina Costa Ribeiro discutem a fabricação de corpos trans nos efeitos produzidos em seus processos de subjetivação, através da análise das enunciações de três mulheres transexuais e uma travesti. Fundamentando-se nas concepções de Foucault e de teóricas/es engajadas/os aos estudos *queer*, as autoras investigam o investimento das pessoas pesquisadas na fabricação de corpos femininos. Ressaltam que, a partir de técnicas de si, transexuais e travestis revelam

diferentes posições de sujeito, evidenciando outras possibilidades de viver gênero e sexualidades que desafiam, em muitos casos, a heteronormatividade.

O artigo “Judith Gautier e o espanto de Baudelaire: Papéis sociais e espaços literários no século XIX”, de autoria de Caroline Jaques Cubas e Gilles Jean Abes, objetiva apresentar aspectos introdutórios sobre a vida e obra da escritora e tradutora francesa, relativamente desconhecida no Brasil. Após compor sua obra, *Le livre de Jade*, em 1867, interessar-se por pintura e modelagem, inspirar Richard Wagner, Victor Hugo dedicar-lhe um soneto, em 1872, e seu romance *L'usurpateur* ser coroado pela Academia Francesa, em 1875, a escritora foi consagrada, em outubro de 1910, como a primeira mulher eleita para a Academia Goncourt. A reflexão do artigo foi motivada pela leitura de um texto sobre o poeta francês Charles Baudelaire, escrito e publicado pela jovem, com 19 anos, em 29 de março de 1864, no jornal *Le Moniteur*. A leitura foi pautada em uma carta do autor, endereçada, no calor da hora, para a jovem Judith, em 9 de abril de 1864. A reação de Baudelaire perante a leitura feita pela jovem produziu nele um questionamento sobre seus próprios preconceitos, relacionados aos papéis sociais e espaços literários atribuídos às mulheres e aos homens no século XIX.

Vívian Matias dos Santos, em seu artigo “Uma “perspectiva parcial” sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil”, propõe compreender como mulheres cientistas estão inseridas na produção de conhecimento científico e tecnológico em universidades públicas federais da Região Nordeste do Brasil. O esforço da pesquisa foi no sentido de desvendar as particularidades das práticas e discursos que permeiam a inserção e permanência de mulheres cientistas nos diversos institutos de pesquisa, nas universidades privadas e públicas, federais e estaduais nos estados do Nordeste. Através de entrevistas e observações diretas nos cotidianos de trabalho, as reflexões foram alicerçadas em experiências sociais de mulheres cientistas pertencentes a dois grandes ramos de saberes: humanidades e ciências consideradas “exatas”, buscando entender antigas questões que se colocam como prementes na compreensão feminista e de gênero nas ciências. A autora conclui que, se observado de perto, ainda se percebem alguns mecanismos sutis – ou não – de discriminação de gênero.

O objetivo do artigo “Para além do gênero: opção de mulheres e homens por engenharia ou licenciatura na UTFPR e UFBA”, de autoria de Lindamir Salete Casagrande e Ângela Maria Freire de Lima e Souza, foi o de analisar discursos de estudantes nas duas universidades sobre as escolhas dos cursos que realizam. Os resultados apontam para motivações como a influência familiar, dos docentes, a expectativa de remuneração e, principalmente, a vontade própria. Ao fazer a comparação

entre as duas universidades, foi percebido que há mais semelhanças do que contrastes no que tange aos motivos alegados para optarem pelas engenharias ou licenciaturas e estes motivos, segundo as falas dos sujeitos da pesquisa, não se diferenciam exclusivamente segundo o gênero; classe social, nível de aspiração profissional e o interesse pessoal pelo curso parecem ser igualmente preponderantes para homens e mulheres. Os diferentes motivos alegados pelas estudantes e pelos estudantes dos cursos analisados não estão relacionados exclusivamente aos estereótipos de gênero, mas assumem papéis relevantes nas escolhas.

Ressaltando que as localidades rurais apresentam contextos específicos que colocam as mulheres em condições de fragilização e vulnerabilidade para o enfrentamento eficaz da violência doméstica e de gênero, Parry Scott, Fernanda Sardelich Nascimento, Rosineide Cordeiro e Giselle Nanes, no artigo “Redes de enfrentamento da violência contra mulheres no Sertão de Pernambuco”, apresentam resultados de pesquisa que realizaram na Região Central do Sertão de Pernambuco. Com o objetivo de estudar as estratégias de enfrentamento à violência acionadas por mulheres rurais, o/as autor/as analisaram a rede institucional existente na região, em suas relações com as redes de interconhecimento, importantes suportes de apoio no meio agrícola. Evidenciando a porosidade entre os dois tipos de redes, e o fato de ambas manterem posturas contraditórias, ora de suporte, ora de omissão de apoio às mulheres em situações de violência, destacaram a necessidade de ampliar pesquisas com foco na violência contra as mulheres em contextos rurais, considerando suas especificidades na implementação de políticas públicas adequadas às particularidades do campo e da floresta.

““No somos feministas”. Género, igualdad y neoliberalismo en Chile”, de Carmen Gloria Godoy Ramos e Maira Luisa Gonçalves de Abreu, explora a questão de como os discursos de igualdade de gênero têm aparecido no Chile, no âmbito de uma instituição ligada ao setor de economia e negócios. No artigo, as autoras destacam que os discursos de igualdade de gênero ultrapassaram as fronteiras dos setores e instituições sociais ligadas ao feminismo no sentido mais estrito, e foram apropriados, a partir dos anos 1990, mas com mais força ainda depois dos anos 2000, por setores sociais que não se reivindicam como feministas, mas, mesmo assim, incorporam questões ligadas à igualdade de gênero em suas políticas e agendas.

Gilles Deleuze, no livro *Diálogos*, em coautoria com Claire Parinet, fala sobre entrevista num instigante capítulo intitulado “Uma conversa, o que é, para que serve?”. A conversa, para eles, seria uma *verdadeira função*. *Do lado de...* Dessa forma, apresentamos a entrevista feita por Maurício Pereira Gomes e Morgani Guzzo com Ela Wiecko Volkmer de Castilho, que milita

no cargo de Subprocuradora-Geral da República na área de direitos humanos, em estreita relação com movimentos sociais. É professora associada da Universidade de Brasília (UnB), onde coordena projetos de extensão como a Ação Continuada de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Familiar, na cidade-satélite de Ceilândia/DF. A entrevista revela a consistência de sua trajetória profissional e sobre seu entendimento de gênero, lutas feministas e política. Suas respostas e as perguntas bem conduzidas permitem que se leia essa entrevista como um importante documento. Destaca-se a resposta que dá quando perguntada sobre os movimentos feministas e os avanços conseguidos desde 2003, com a criação da SPM, a discussão das relações desiguais entre homens e mulheres.

Buscando contribuir com reflexões publicadas pela Revista Estudos Feministas em debates sobre feminismos descoloniais e pós-coloniais, o dossiê “Dinâmicas de gênero e feminismos em contextos africanos”, organizado por Eufêmia Vicente Rocha e Miriam Steffen Vieira, apresenta reflexões oriundas de estudos desenvolvidos sobre países africanos por pesquisadoras e docentes vinculadas a universidades africanas, brasileiras e europeias. Pelas diferentes formações e perspectivas teóricas das autoras, marcadas pelo trânsito acadêmico entre países do sul e do norte, os artigos apresentam uma significativa diversidade temática, contribuindo para os estudos de contextos nacionais africanos.

Como de praxe, este número da REF finaliza com resenhas de publicações nacionais e estrangeiras recentes no campo dos estudos feministas e de gênero, testemunhando mais uma vez a vitalidade e interesse desses estudos. (nomes editoras).

Cristina Scheibe Wolff
Mara Coelho de Souza Lago
Tânia Regina de Oliveira Ramos

ERRATA

No Editorial, DOI: 10.1590/1806-9584.2016v24n3p673, publica-do na Revista Estudos Feministas v24 n3, 2016, p676, no terceiro parágrafo,

Onde se lia

““No somos feministas”. Género, igualdad y neoliberalismo en Chile”, de Carmen Gloria Godoy Ramos e Maira Luisa Gonçalves de Abreu...

Leia-se

““No somos feministas”. Género, igualdad y neoliberalismo en Chile”, de Carmen Gloria Godoy Ramos...